

A educação musical e o estudo do processo de interação criança/música no contexto hospitalar

Zoica Andrade Caldeira
Instituto de Artes da UNESP
e-mail: zoica@uol.com.br

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
Instituto de Artes da UNESP
e-mail: marisatrench@uol.com.br

Sumário:

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa em andamento “O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar: uma abordagem sócio-histórica”. Neste texto, discute-se, primeiramente, a concepção de educação musical como um processo aberto, dinâmico e dialógico e a importância de sua presença e ação no contexto hospitalar. Finalmente, para o estudo do seu papel mediador em tal contexto, destaca-se a *análise microgenética* como ferramenta metodológica, levantando questões que procurem desvelar os processos interacionais da criança com a música.

Palavras-Chave: educação musical; criança hospitalizada; análise microgenética.

A experiência musical é integral e multidimensional, abarcando “o pessoal e o social, o cotidiano e o transcendental, o natural e o cósmico, a saúde e a enfermidade, o ético e o estético, entre outras categorias” (Gainza, 2002, p.140). Impregnando cada momento e instante de nossa vida, a música exerce um papel fundamental em nossa constituição enquanto sujeitos imersos em determinado contexto social e histórico, influenciando nossas relações interpessoais e nossa relação com a realidade exterior e interior.

A educação musical¹ é o meio pelo qual diferentes experiências musicais se encontram, se influenciam, se transformam, constituindo-se um processo aberto, dinâmico e dialógico. Seu principal objetivo é o humano, a transformação do homem e da realidade (Koellreutter, 1998, p. 44), promovendo encontros criativos do homem com a música que o cerca e que o constitui enquanto ser sócio-histórico. Ao trabalhar criativamente com todas as possibilidades sonoras que a realidade oferece, inclusive as obras musicais, a educação musical tem um papel fundamental na conscientização da responsabilidade do homem na manipulação deste material, manipulação que o influencia na (re)elaboração de seus sentimentos, emoções, impressões e no seu processo de atribuir sentidos ao meio em que está inserido. Segundo Vigotski,

uma simples combinação de impressões externas como, por exemplo, uma obra musical, desperta naquele que a escuta todo um complexo universo de sentimentos e emoções. A base psicológica da arte musical reside precisamente em estender e aprofundar os sentimentos, em reelaborá-los de modo criativo (Vigotski, 1987, p.24).

¹ O conceito de educação musical desenvolvido neste trabalho é baseado principalmente nas idéias de alguns compositores e educadores musicais pertencentes ao século XX e XXI que, por meio das explorações criativas do som e de suas reflexões sobre o papel social da música, têm expandido o conceito de música e da educação musical, abrindo possibilidades para a sua ação em contextos não-formais (Schafer, 1991; Koellreutter, 1997, 1998; Fonterrada, 2005; Flusser, 2005, entre outros).

Outra autora que destaca estas características da educação musical é a professora e musicista Maria de Lourdes Sekeff, que afirma que defender a prática da educação musical na escola é

auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua condição de indivíduo e cidadão. Como toda comunicação envolve conflito, poder, ideologia, negociação, o educando precisa aprender a lidar com esses valores com competência e autonomia; e aí, mais uma vez, emerge a possibilidade da música como agente mediador, auxiliando-o na construção de um diálogo com a realidade. (p. 120).

Estas características da educação musical podem auxiliar a criança hospitalizada em sua relação/interação com o mundo, muitas vezes comprometida pelas condições e reações à sua internação. Ao ser retirada do seu contexto social e familiar, a subjetividade da criança que se encontra internada em uma instituição hospitalar entra em choque com a tendência uniformizadora e impositiva deste contexto, mortificando e profanando seu eu e passando, assim, por mudanças progressivas de crenças que tem a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ela (Goffman, 1961, p.23-24). Os procedimentos médicos, muitas vezes invasivos e/ou dolorosos, a restrição do convívio social, a privação das atividades rotineiras, a necessidade de permanecer em um quarto, de adaptar-se a novos horários, de confiar em pessoas até então desconhecidas, são todas situações que não faziam parte da vida da criança, podendo sua reação a estas situações lhe afetar de forma prejudicial (Motta; Enumo, 2004, p.20).

Partindo das concepções do psicólogo russo L. S. Vigotski sobre imaginação e arte na constituição do sujeito, bem como das idéias dos autores em Música que valorizam sua função social e sua contribuição para o desenvolvimento integral do ser humano (Koellreutter, 1997; Gainza, 1988; Sekeff, 2002), a pesquisa “O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar: uma abordagem sócio-histórica” procura investigar a hipótese de que a educação musical, ao mediar encontros criativos da criança hospitalizada com a música, pode possibilitar e/ou desencadear processos dialógicos e interacionais que a ajude no enfrentamento da sua internação. Esta pesquisa não utiliza a música com fins terapêuticos e não tem a intenção de modificar uma situação clínica, mas baseia-se principalmente na idéia de que a arte é uma forma pela qual o ser humano estabelece um diálogo com sua realidade, contribuindo para o seu processo de interpretação e significação do mundo. Um dos seus principais objetivos é estudar e analisar as interações realizadas por crianças hospitalizadas em situação de atividade criadora. Para atingir este objetivo, utiliza a *análise microgenética* como principal ferramenta metodológica.

A análise microgenética é baseada nas proposições de Vygotsky relacionadas ao método de investigação do funcionamento humano, focando-se mais na análise e explicação dos processos do que na descrição de resultados. É denominada “micro” por valorizar minúcias indiciais da formação de um processo, detalhando as ações dos sujeitos envolvidos e as relações interpessoais mediante recortes restritos dos episódios interativos. Baseando-se na proposição fundamental de Vygotsky de que as funções psicológicas superiores tem sua gênese nas interações sociais e nas mediações semióticas, esta análise também é “genética” pois busca compreender a gênese do processo investigado, bem como as transformações no decurso deste, por meio da inter-relação entre a dimensão cultural, histórica e semiótica do funcionamento humano (Goes, 2000, p.10-15).

Goes define a análise microgenética como

uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos, sendo o exame orientado para o funcionamento dos sujeitos focais, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação, resultando num relato minucioso dos acontecimentos (2000, p.9).

Por meio da descrição minuciosa e explicação de recortes significativos dos processos observados nas sessões grupais e/ou individuais com crianças hospitalizadas, procurar-se-á responder as seguintes questões:

Quais músicas foram significativas no desenvolvimento dos sujeitos da pesquisa? Quais sons permeavam o seu contexto social antes de entrar no hospital? De que forma sua relação passada com a música determina sua relação presente?

O desenvolvimento de atividades de criação com as músicas que trazem de suas bagagens sócio-históricas incentivaria as crianças a se expressarem e dialogarem melhor com os outros e com seus próprios sentimentos/emoções? As atividades de criação, percepção e interpretação as ajudariam a elaborar de forma criativa seu desejo e necessidade de estar fora do contexto hospitalar?

O estudo ativo da paisagem sonora que as cerca as auxiliaria a ressignificar o ambiente hospitalar, ajudando a aliviar a carga de medo e ansiedade inerente a ele?

Estas questões procuram desvelar os processos interacionais da criança com a música, levando em conta sua bagagem sócio-histórica. Em dois encontros semanais com as crianças e adolescentes hospitalizados no Instituto de Infectologia – Hospital Emílio Ribas (SP), propostas de atividades envolvendo som/música e criatividade são apresentadas aos participantes do projeto, sendo cada encontro registrado em áudio. As propostas apresentam várias possibilidades para a criança e/ou o adolescente ouvir, refletir, criar, transformar, como por exemplo: Quais os sons que se ouvem na avenida onde o Hospital Emílio Ribas se encontra? Quais as fontes sonoras? É possível criar uma obra sonora/musical coletiva com estes sons? A escuta da obra “Vozes da Cidade” da compositora Denise Garcia influenciaria a forma de ressignificarmos os primeiros sons percebidos? As observações dos encontros e a transcrição das gravações em áudio são registradas em um relatório de acompanhamento diário; a estas informações, serão acrescentados, no decorrer da pesquisa, os dados de entrevistas semi-estruturadas com os profissionais da saúde que lidam diariamente com os participantes do projeto, bem como o relato dos responsáveis por estes. Após este levantamento de dados, a análise se dará a partir de recortes significativos que conservam as propriedades do todo e que elucidem os pontos de investigação levantados pela pesquisa, confirmando ou não a hipótese.

Acredita-se que em sua relação dinâmica e interacional com a música, a criança hospitalizada pode reviver suas impressões passadas, entender-se como alguém singular e único que ainda influencia / transforma / modifica sua realidade, também sendo influenciada / transformada / modificada por ela, reelaborando, assim, o seu presente e projetando-se para o futuro.

Referências Bibliográficas

- Fonterrada, M. (2005). *De tramas e fios – um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Flusser, V. (s.d.). “An Ethical Approach to Music Education”. Disponível em: <fpicavez.free.fr/cfmi/Dossiers/Articles.htm>. Acesso: Julho/2005.
- Gainza, Violeta H. (1988). *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus. Tradução de Beatriz A. Cannabrava
- . (2002). *Pedagogía Musical: dos décadas de pensamiento y acción educativa*. Buenos Aires: Lumen.
- Góes, M. C. R. (2000) “A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade”. *Cadernos Cedes*, ano XX, no 50, p. 9-25.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- Koellreutter, H.J. (1997). Sobre o valor e o desvalor da obra musical. In: Kater, Carlos (Org.) *Cadernos de estudo: educação musical*. Belo Horizonte: Atravez / EMUFMG / FEA / FAPEMIG, no 6.
- . (1998). “Educação Musical hoje e, quiçá, amanhã”. In: Lima, Sonia A. (Org.) *Educadores musicais de São Paulo: Encontro e Reflexões*. São Paulo: Nacional, 1998, pp. 39-45
- Motta, Alessandra B.; Enumo, Sônia Regina F. (2004). “Brincar no Hospital: Estratégia de Enfrentamento da Hospitalização Infantil”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.9, n.1, p.19-28.
- Schafer, Murray (1991). *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora UNESP. Tradução de Marisa T. O. Fonterrada, Magda R. G. da Silva, Maria L. Pascoal.
- Sekeff, Maria de L. (2002). *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Vigotski, L. S. (1987). *Imaginación y el arte en la infancia*. Cidade do México: Hispânicas.